

## O professor...

Impunha respeito. Apesar de curvado, era alto e ostentava a postura de quem tem convicções fortes.

Convicções fortes. Concordando-se ou não com elas, era impossível ficar indiferente.

O cigarro, a mala, o olhar, o sorriso. Toda aquela figura intimidava qualquer jovem que se aventurasse nas suas aulas. Havia também o curriculum invejável e a fama que o precedia. Mas, para mim, bastava a sua presença.

Depois, havia as aulas. Aconselhava quem não estudava a desistir da música e incentivava quem estudava a ultrapassar todos os limites:

“Não queiras ser como os melhores. Tens que querer ser melhor que os melhores e, só assim, te aproximarás deles.”

Talvez por isso, numa tarde em que todos os alunos faltaram, tive uma aula de três horas, que só não se prolongou mais, porque tínhamos ambos mais que fazer.

Sempre que ia ao Conservatório, fazia questão de passar pela sua sala. Muitas vezes, acabava lá dentro a tocar.

“Chora... chora... chora!” e com o punho em riste pedia mais expressividade nos lentos. Quando numa passagem técnica me “espatifava”, sorria e comentava “Difícil...”

Não passa um dia em que não recorde algumas das suas frases lapidares, aqueles que prendiam a fidelidade dos seus alunos. Houve uma que me causou um arrepio na espinha, me gelou completamente:

“Um dia, quando fores maestro...”

Já não me lembro do que ele disse a seguir. Mas a certeza com que falou, quase como garantindo o meu futuro, deixou-me sem reacção. Teria eu 16, 17 anos (?) e tal cenário nunca me tinha passado pela cabeça mas, nas suas palavras, parecia uma absoluta certeza.

Não foram poucas as vezes em que me deu para mão partituras de orquestra... Beethoven... Stravinsky.

“Vá... como é que diriges isso?”

Timidamente mexia os braços e ele corrigia ou aplaudia.

E eu pensava: “Mas não estou aqui para tocar clarinete?”

E ele viajava.

Muitas vezes, tocávamos pouco, mas aprendíamos muito. As infindáveis histórias de França, da Sinfónica, de Joly Braga Santos e de tantos outros nomes que, para nós jovens eram míticos, mas que com ele tinham privado: Jaques Lancelot, Jean Pierre Rampal...

Em cada sílaba transpirava a sua paixão pela música e sabia transmiti-la como ninguém aos seus alunos. Era um verdadeiro Mestre.

“A técnica estudas em casa. Aqui estudas música.”

Como sabia que não apreciava dar aula a quem não tinha estudado, um dia atrevi-me:

“Professor... esta semana não estudei...”

Respondeu: “Não faz mal, estudas aqui.”

Inchei de orgulho pois sabia que esse privilégio não era para todos.

E toquei como se fosse a última vez. Não podia desiludi-lo.

“Qualquer outro professor faria de ti um clarinetista. Eu vou fazer de ti músico. Quando saíres daqui vais poder tocar qualquer instrumento.”

Mais uma sentença.

Há poucos anos reencontrei-o. Cansado. Mais curvado que o habitual.

“Lembra-se de mim, Professor?”

“Quem és?”

“Pinheiro... Conservatório de Gaia...”

E, como por magia, fez-se luz. Se, segundos antes, não se lembrava de mim, segundos depois recordava emocionado as nossas histórias juntos.

E não tinha perdido as convicções fortes, nem o condão de proferir frases marcantes:

“O tipo não tem coração. É frio. E isso nota-se na banda. É uma banda fria. Um tipo sem coração não pode ser maestro.”

As convicções fortes.

Como músico, extraía do oboé um som profundo, penetrante e carregado de sentimento.

Como maestro, mudava completamente o timbre de uma banda, a sua direcção era intensa, vivida nos limites da emoção.

Hoje recordo, não o Maestro, não o Professor, mas uma das pessoas mais influentes na minha vida. Grande impulsionador do meu gosto pela Música e pela Arte.

Obrigado, Professor Saúl Silva.